

Falsa memória da ditadura militar brasileira

Dados derrubam a tese dos saudosistas do regime e mostram que taxa de homicídios no país explodiu entre 1965 e 1984

Alberto Kopitke
7 de julho de 2020

FOLHAPRESS/FOLHAPRESS



Multidão no enterro do estudante Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela PM em 1968

Falsas memórias produzem consequências muito graves para a vida de uma pessoa e são de difícil reversão, especialmente quando ficam marcadas como memórias profundas, que acabam influenciando na formação da personalidade. E assim também ocorre com as nações.

Uma parte significativa dos brasileiros possui a falsa memória de que a ditadura militar foi eficiente para manter os índices de criminalidade do país baixos, imagem que foi construída durante mais de duas décadas sem liberdade de imprensa e com instituições tuteladas.

O mais grave dessa ideia idílica do passado é que ela contamina o presente com um vírus extremamente perigoso. O raciocínio lógico que deriva dessa memória é que a Constituição de 1988 teria criado um regime de excesso de liberdades e garantias, que impede as forças de segurança e de justiça agirem com a força necessária, protegendo bandidos e fazendo a violência explodir no país.

Assim, a democracia nascida de um pacto por cima com o próprio regime autoritário ficou como responsável por uma tragédia que na verdade recebeu como herança.

Entre diversos problemas de cunho ético, moral e jurídico “menores”, é fundamental que o país reveja a memória histórica sobre os índices de violência no país durante a ditadura militar.

O que de fato ocorreu entre 1964 e 1984 foi justamente o inverso da memória dos “bons tempos”. Foi durante a ditadura militar que o Brasil viveu o início dessa trágica epidemia de violência que já assola o país há mais de 50 anos. E, mais do que isso, foi naquele período de “lei e ordem” que o país teve o maior aumento dos índices de homicídios de sua história moderna.

Algumas pesquisadoras da saúde pública, como Vilma Pinheiro Gawryszewski e Maria Helena Prado de Mello Jorge, conseguiram resgatar os dados históricos sobre o número de homicídios e identificaram que a epidemia de violência no Brasil teve início justamente nos dois maiores estados do país, São Paulo e Rio de Janeiro, nos anos 1960 e 1970, durante a ditadura militar.

Em São Paulo, a taxa de homicídios subiu 390% durante a ditadura militar, saltando de 7,2 homicídios por cem mil habitantes, em 1965, para 35,6 em 1985.

Apesar da narrativa dos apoiadores da ditadura atribuir a violência no Rio de Janeiro aos dois governos de Leonel Brizola, os índices de violência no estado dispararam exatamente durante o regime militar. Em 1984, segundo Julio Jacobo Waiselfisz, quando teve início o primeiro governo de Brizola, as mortes por homicídios já representavam 46% das mortes de jovens, com uma taxa de mais de 80 jovens assassinados a cada cem mil jovens naquele estado.

Foi também durante a ditadura militar que ocorreu a chamada mudança de “padrão de mortalidade violenta”, com a violência assolando a juventude brasileira. Entre 1920 e 1960, a maior causa de morte de jovens no Brasil se dava em razão de doenças. No entanto, a partir da segunda metade dos anos 1960, as mortes violentas assumiram o primeiro lugar como causa da morte de jovens no Brasil.

Infelizmente o país só possui registros nacionais sobre homicídios disponíveis a partir de 1979. Apenas durante o governo de João Figueiredo, entre 1979 e 1985, quando o Sistema de Saúde começou a fazer registros de mortes violentas, os homicídios subiram 28% em todo o país, perdendo apenas para o governo Sarney, como o período com o maior aumento de violência desde o início dos registros nacionais. Portanto, se juntarmos apenas o último governo militar e o primeiro governo civil, indicado de forma indireta ainda antes da Constituição de 1988, o aumento dos homicídios chega a impressionantes 76%.

Mas se formos ainda mais atrás e levarmos em conta o salto na taxa de homicídios de São Paulo e Rio de Janeiro a partir de 1964, é possível estimar que o número de homicídios durante a ditadura militar aumentou muito mais do que 100% ao longo dos seus 21 anos de duração, demonstrando a falácia da Pax Militar.

Se utilizarmos estimativas realistas, como a do professor Leandro Piquet, que considera que 50% de todas as mortes registradas como de intencionalidade desconhecida pelo Sistema da Saúde até 1996 como mortes intencionais, os governos militares entregaram o país em 1984 com uma taxa de 22 homicídios a cada cem mil habitante. Se considerarmos a taxa 30,8 mortes violentas intencionais, registradas em 2017 pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, é possível concluir que durante os 33 anos de democracia no Brasil os homicídios subiram 40% (lembrando que o Anuário computa as Mortes Decorrentes de Intervenção Policial que à época da ditadura não eram registradas).

Em relação aos crimes contra o patrimônio, novamente ocorre a mesma ilusão. Um estudo mostrou que a taxa de roubos em São Paulo, em 1984, já era de elevados 270 roubos por cem mil habitantes. Se considerarmos os dados da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, veremos que essa taxa foi de 303 roubos por cem mil habitantes em 2017, ou seja apenas 12% maior do que ao final da ditadura militar.

Enquanto nos iludimos com a tentação autoritária, deixamos de debater diversas experiências de sucesso de países que conseguiram vencer a violência e ao mesmo tempo fortalecer suas democracias. Esses países modernizaram e valorizaram suas polícias, aumentaram a transparência, o controle de armas e do uso da força e passaram a implementar estratégias de Segurança Pública Baseadas em Evidências, exatamente o inverso do que os regimes autoritários de esquerda ou de direita fazem e do que a Pax Militar fez no Brasil.

Alberto Kopittke

Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Também é membro do Instituto Cidade Segura e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://backup.forumseguranca.org.br/multiplas-vozes/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhnb-s5myy-3pmpy-8fma6-9e39x>

